



O tratamento das figuras de linguagem em gramáticas setecentista e oitocentista de língua portuguesa

The treatment of figure of speech in 18th and 19th century grammars of Portuguese language

Darcijane dos Santos NUNES*

RESUMO: Esta pesquisa busca analisar qual o tratamento dado às figuras de linguagem (doravante FL), na gramaticografia de língua portuguesa produzida nos séculos XVIII e XIX, mais especificamente em três fontes canônicas, a saber: *A arte da grammatica de língua Portuguesa*, de Antonio Reis Lobato, datada de 1770, *a Grammatica Philosophica de Língua Portuguesa*, de Jerônimo Soares Barbosa, publicada em 1822 e a *Grammatica Portuguesa elementar fundada sob o methodo histórico-comparativo*, de Teófilo Braga, publicada em 1876. Para tanto utilizamos como referencial teórico a noção de rede conceitual em Polachini (2018), relações lógicas entre termos, em Swiggers (2004; 2010); Paradigma Tradicional de Gramatização, em Vieira (2018). A presente pesquisa revelou as inconsistências e convergências dos autores das gramáticas analisadas no tocante ao tratamento dado às figuras de linguagem. A categoria rede conceitual possibilitou a percepção de continuidades e descontinuidades a partir das relações de equivalência, interseção e contrariedade entre os metatermos analisados.

ABSTRACT: This research aims to analyze the treatment given to the figures of speech (FS) in grammars produced during the XVIII and XIX centuries, especially in three canonical sources: *Arte da grammatica de língua Portuguesa*, by Antonio Reis Lobato, published in 1770; *The Grammatica Philosophica de Língua Portuguesa*, by Jerônimo Soares Barbosa, published in 1822, and the *Grammatica Portuguesa elementar fundada sob o methodo histórico-comparativo*, by Teófilo Braga, published in 1876. We use as theoretical framework the notion of conceptual network in Polachini (2018), logical relation between terms, in Swiggers (2004; 2010); Traditional Paradigm of Grammatization (TPG) in Vieira (2018). This research revealed the inconsistencies and convergences of the authors of the analyzed grammars about the figures of speech treatment. The notion of conceptual network allowed us to perceive the continuities and discontinuities through the relation among the meta terms analyzed.

* Doutoranda em Linguística (PROLING-UFPB). Atua como professora de língua inglesa da Educação Básica III lotada na Secretária de Educação do Estado da Paraíba. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1194-6152>. darciteacher@gmail.com.

| | |
|---|--|
| PALAVRAS-CHAVE: Gramaticografia. Figuras de Linguagem. Rede conceitual. Continuidade. Descontinuidade. | KEYWORDS: Grammaticography. Figures of speech. Conceptual network. Continuity. Discontinuity. |
|---|--|

1 Introdução

O aparecimento das figuras de linguagem (doravante FL) nas gramáticas tem demonstrado diversidades de classificações por parte dos estudiosos da gramaticografia do século XVIII e século XIX, bem como entre os gramáticos da contemporaneidade. Ao observar as gramáticas latinas, racionalistas e empiricistas, vislumbramos diferentes formas de abordar ou de não contemplar as FL como um fenômeno linguístico-gramatical. Conscientes dessas disparidades, surgiu em nós o desejo de responder os seguintes questionamentos: Como se apresentam conceitos de FL nas gramáticas de diferentes períodos históricos? b) Até que ponto a gramática absorveu os estudos das FL? Até que ponto os conceitos das FL são apresentados com base em critérios que transcendam o nível morfológico, sintático para um nível pragmático?

Partindo dessas questões, buscamos compreender qual o tratamento dado às FL, na gramaticografia de língua portuguesa produzida nos séculos XVIII e XIX, mais especificamente em três fontes canônicas, a saber: *A arte da grammatica de língua Portuguesa*, de Antonio Reis Lobato, datada de 1770, *a Grammatica Philosophica de Língua Portugeteza*, de Jerônimo Soares Barbosa, publicada em 1822 e, por último, analisamos *a Grammatica Portugeteza elementar fundada sob o methodo histórico-comparativo*, de Teófilo Braga, publicada em 1876. Como objetivo, buscamos investigar o tratamento das F. L. nas gramáticas analisadas com vistas a evidenciar os movimentos de continuidade e descontinuidade, buscando encontrar, por meio da análise dos dados, uma rede conceitual para a explicitação dos usos correntes de termos que, de certa forma, se relacionam com os conceitos de FL.

Como objetivos específicos, buscamos em primeiro lugar: destacar o tratamento dado as FL nas obras, objetivando observar os movimentos de continuidade e descontinuidade e/ou rupturas na forma como as FL se apresentam em cada gramática, bem como em quais níveis e/ou partes do discurso elas são abordadas. Em seguida, objetivamos fazer um mapeamento descritivo e interpretativo dos conceitos de todas as figuras de linguagem presentes nas gramáticas supracitadas com o intuito de verificar, a partir da presença ou da ausência da menção às FL, até que ponto elas estão relacionadas com critérios morfológicos, sintáticos ou transcendem esses níveis para se chegar ao nível pragmático.

A escolha das gramáticas supracitadas corresponde ao critério de representatividade exposto por Gurgel (2007) como um dos critérios de seleção inerente ao *corpus* da pesquisa do historiógrafo. Para tanto, as gramáticas selecionadas tiveram uma notoriedade e importância no contexto e no período de suas publicações (veremos com mais detalhes na seção destinada à análise dos dados).

Para a realização dessa pesquisa, buscamos subsídios teórico-metodológicos na Historiografia da Linguística doravante (H.L) cujo objetivo é fornecer uma narrativa heurística e hermenêutica cientificamente fundamentada acerca da investigação do conhecimento linguístico, buscando mostrar como esse conhecimento se comporta em determinados contextos socioculturais através do tempo (SWIGGERS, 2004).

Como categorias de análise, utilizamos a noção de rede conceitual em Polachini (2018), buscando compreender os movimentos de continuidade e descontinuidade no tocante ao tratamento das FL nas gramáticas analisadas. Por vezes, durante a análise das obras, faremos uso da noção de retórica de revolução de Murray (1999) para compreender, no campo discursivo, as continuidades e descontinuidades que os autores demonstram na sua retórica, geralmente no prefácio ou na introdução da obra. Utilizamos também o conceito de gramatização em Aurox (1992); Historiografia da

linguística e metalinguagem, em Koerner (1989); relações lógicas entre termos, em Swiggers (2004;2010); Paradigma Tradicional de Gramatização, em Vieira (2018).

A historiografia da linguística, de acordo com Swiggers (2004), desenvolve as pesquisas observando as três fases da pesquisa: fase heurística- correspondente a fase de descrição dos dados da pesquisa; fase hermenêutica- referente a fase de análise e interpretação dos dados e, por último, a fase executiva que corresponde a fase de confrontação e discussão dos resultados obtidos através das análises. Em consonância com o autor, procuramos organizar o nosso percurso metodológico seguindo as três fases supramencionadas.

No primeiro momento, tratamos de alguns conceitos sobre a Historiografia da Linguística a partir de Swiggers (2004); metalinguagem em Koerner (2014); gramatização em Auroux (2008), com vistas a situarmos a nossa pesquisa no campo epistemológico da Historiografia da Linguística.

Em seguida, partimos para a discussão acerca da categoria rede conceitual em Polachini (2018) e, ancorados nesta categoria, buscamos analisar e interpretar os conceitos das FL nas gramáticas, objetivando encontrar o ponto de continuidade ou ruptura no tocante as conceptualizações dadas a elas pelos autores das gramáticas analisadas.

Por último, buscamos confrontar os dados e chegar as discussões dos resultados, demonstrando como as FL eram abordadas nas gramáticas analisadas para se chegar a uma compreensão de como os conceitos de tais elementos linguísticos foram abordados nos níveis morfológico, sintático, fonético e pragmático ao longo dos períodos analisados.

2 Metodologia

Para a realização dessa pesquisa, buscamos subsídios teórico-metodológicos na Historiografia da Linguística, uma vez que nosso objetivo é buscar subsídios hermenêutico e heurístico cientificamente fundamentados para a compreensão de como se comportam determinados conceitos acerca das FL em determinados contextos socioculturais ao longo do tempo.

Nesse sentido, ancorados na Historiografia, buscamos analisar três fontes Canônicas pertencentes a gramaticografia produzida nos séculos XVIII e XIX, a saber: *A arte da grammatica de língua Portuguesa*, de Antonio Reis Lobato, datada de 1770, *a Grammatica Philosophica de Língua Portugueza*, de Jerônimo Soares Barbosa, publicada em 1822 e, por último, analisamos a *Grammatica Portugueza elementar fundada sob o methodo histórico-comparativo*, de Teófilo Braga, publicada em 1876.

Quanto ao procedimento de pesquisa, desenvolvemos uma pesquisa de caráter bibliográfico, haja vista que nossa pesquisa procede com a investigação acerca do tratamento dado às FL nas gramáticas selecionadas para a análise, usando-as como fontes para extrairmos as informações necessárias para o tratamento dos nossos dados. No que se refere à abordagem da pesquisa, partimos para a abordagem qualitativa, pois focamos no caráter subjetivo e valorativo da pesquisa em detrimento ao caráter numérico. A pesquisa qualitativa “procura entender, interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto” (BORTONI-RICARDO, p. 34, 2008).

Como procedimento metodológico para o tratamento dos dados, optamos por fazer um mapeamento descritivo e interpretativo dos conceitos de todas as FL presentes nas gramáticas supracitadas com o intuito de verificar, a partir da presença ou da ausência da menção às figuras, até que ponto elas estão relacionadas com critérios morfológicos, sintáticos ou transcendem esses níveis para se chegar ao nível

pragmático. Em seguida, buscamos produzir tabelas apresentando como aparecem os conceitos de FL em cada gramática analisada.

A escolha das gramáticas selecionadas para a nossa análise seguiu o critério de representatividade exposto por Gurgel (2007) como um dos critérios de seleção inerente ao *corpus* da pesquisa do historiógrafo. Para tanto, as gramáticas selecionadas tiveram uma notoriedade e importância no contexto e no período de suas publicações.

Como categorias de análise, utilizamos a noção de rede conceitual em Polachini (2018), buscando compreender os movimentos de continuidade e descontinuidade no tocante ao tratamento das FL. nas gramáticas analisadas. Utilizamos também o conceito de gramatização em Auroux (1992); Historiografia da linguística e metalinguagem, em Koerner (1989); relações lógicas entre termos, em Swiggers (2004;2010); Paradigma Tradicional de Gramatização, em Vieira (2018).

No tocante à estrutura da nossa pesquisa, em consonância com as afirmações de Swiggers (2004) acerca das fases da pesquisa, isto é, fase heurística, fase hermenêutica e fase executiva, procuramos traçar o seguinte percurso metodológico: Inicialmente, buscamos descrever o tratamento dado à “sintaxe figurada” nas três gramáticas que nos propusemos a analisar, correspondendo à fase heurística da nossa análise.

Em seguida, na fase hermenêutica da nossa pesquisa, buscamos analisar e interpretar, pela ótica da categoria rede conceitual (POLACHINI, 2018), os conceitos das figuras nas gramáticas, objetivando encontrar o ponto de continuidade ou ruptura no tocante às conceptualizações dadas a elas pelos autores das gramáticas analisadas. E, por último, buscamos confrontar os dados e chegar às discussões dos resultados, mostrando como as FL eram abordadas nas gramáticas analisadas para se chegar a uma compreensão de como os conceitos das FL foram abordados (nível morfológico, nível sintático, nível fonético, nível pragmático) ao longo dos períodos analisados.

Nossa pesquisa ancora-se na metahistoriografia, haja vista que objetivamos fazer um mapeamento descritivo e interpretativo no trato imanente dos conceitos acerca das FL, procurando uma rede conceitual dos termos relacionados a esse fenômeno nas três gramáticas selecionadas, buscando explicitar o tratamento dado às FL ou “sintaxe figurada” nessas fontes canônicas e, por meio da categoria rede conceitual (POLACHINI, 2018), compreender os movimentos de continuidade e descontinuidade no tocante ao aparato conceitual dado às FL.

3 Pressupostos teóricos

A Historiografia da Linguística é uma “atividade, cientificamente fundamentada, de escrever a história do estudo sobre a linguagem” (SWIGGERS, 2004), podendo ser dividida em: a) Epi historiografia – referente às informações, disposições e organizações dos documentos históricos; b) metahistoriografia – correspondente às exposições de possibilidades teóricas e metodológicas de se observar e analisar os documentos e fontes.

O pensamento linguístico formado em torno de fatos e dados da linguagem configura o que chamamos de metalinguagem, uma vez que estudamos a linguagem utilizando outras linguagens. Esse seria um conceito genérico do que se entende por metalinguagem. Na Historiografia da Linguística, doravante HL, o termo metalinguagem é utilizado, de acordo com Koerner (2014), para descrever ideias passadas sobre linguagem e linguística, podendo ser usada pelo historiográfico de duas maneiras: a) descrever teorias do passado conservando a linguagem original; b) descrever ou discutir teorias do passado buscando tornar a linguagem mais acessível ao leitor do presente.

Aqui, buscamos fazer a metalinguagem do tipo b) (apresentado por Koerner acima), tentando trazer os conceitos, utilizando uma linguagem atual com vistas a tornar a pesquisa mais acessível para os possíveis leitores.

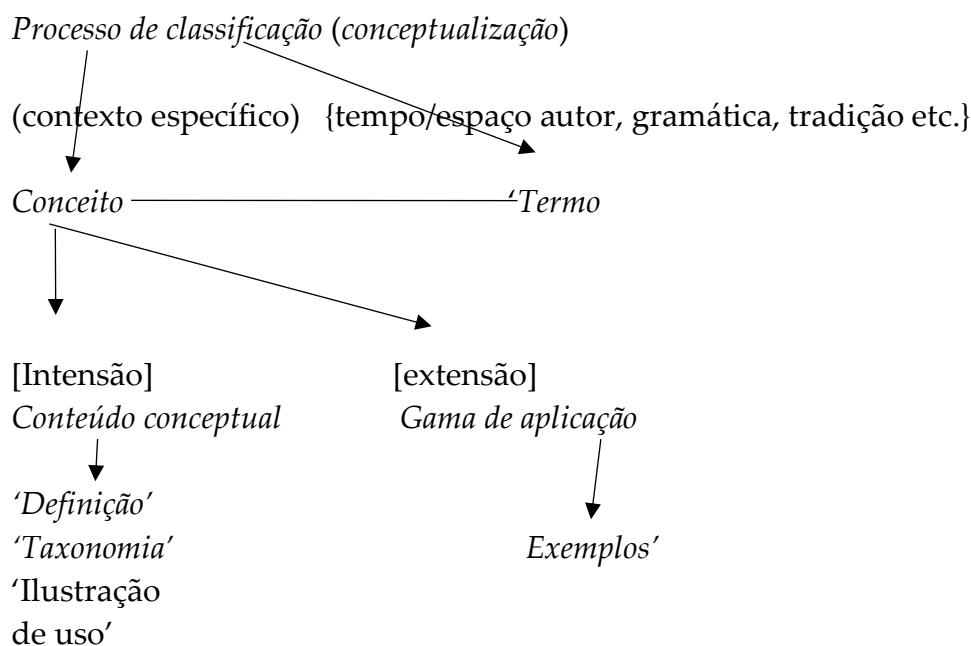
Nossa pesquisa está ancorada na metahistoriografia, uma vez que é nosso objetivo realizar um mapeamento descritivo e interpretativo no trato imanente dos conceitos acerca das FL com vistas a encontrar uma rede conceitual dos termos relacionados a esse fenômeno nas três gramáticas selecionadas para a análise.

A respeito da categoria rede conceitual, adotamos esse aparato categorial em conformidade com Polachini (2018) que, em sua tese de doutoramento, busca desenvolver um estudo serial e conceitual do metatermo *verbo-substantivo*. A autora se propõe a fazer uma análise exaustiva das produções gramaticográficas do século XIX, partindo da ideia de rede conceitual, entendendo o metatermo *conceito* “como processos de classificações ou conceptualizações da cadeia da linguagem, como meta-meta linguagem” (POLACHINI, 2018 p. 25).

De acordo com Auroux (2009), de um ponto de vista estrutural, a gramática e os estudos linguísticos em geral são formados por, pelo menos:

- a) Uma categorização das unidades;
- b) Exemplos
- c) Regras mais ou menos explícitas para construir enunciados (os exemplos escolhidos podem tomar seu lugar). (AUROUX, 2009, apud POLACHINI, 2018, p. 25)

A autora baseia-se nos itens a) e b) citados por Auroux e organiza a noção de conceito, conforme a Figura abaixo:

Figura 1. Partes do *conceito*

Fonte: adaptado por Polachini (2018, p. 26).

De acordo com a autora, o *conteúdo conceptual* corresponde a definição, taxonomia (gênero, espécie). Já a *gama de aplicação* refere-se aos dados linguísticos representativos do conceito, podendo ser de dois tipos: exemplos ou ilustrações de uso.

Auroux (1992, p. 25) se reporta à gramática como um gênero relativamente estável, a qual compõe as seguintes partes: “ortografia/ fonética, parte do discurso, morfologia (acidentes da palavra, composto derivado), sintaxe (frequentemente reduzida) figuras de construção”.

Seguindo a premissa da estabilidade relativa da gramática, acredita-se que uma série de gramática pode apresentar uma rede conceitual em torno de um conceito-chave. Tomando essa afirmação por base, Polachini (2018) organiza a noção de rede conceitual para se chegar à compreensão da gama entrelaçada de conceitos em torno do verbo-substantivo.

Além desses aspectos, Polachini (2018) faz uma adaptação do quadro apresentado por Swiggers (2010) que trata das relações lógicas entre termos, o qual compreende que existe relações Intensionais e Extensionais seguidas de alguns termos derivacionais das referidas relações. Vejamos:

Quadro 1— Relações lógicas entre termos, elaborado por Swiggers (2010).

| Relações intensionais | Relações extensionais |
|------------------------------|------------------------------|
| Subordinação | Subsunção |
| Não-interseção | Justaposição |
| Interseção | Sobreposição |
| Contradição | Exclusão |
| Contrariedade | Oposição |

Fonte: extraída de Polachini (2018, p. 29).

Pensando na análise de gramáticas e na delimitação do que ela se propôs a analisar, a saber, o conceito-chave verbo-substantivo, Polachini (2018) abstrai apenas algumas relações expostas por Swiggers (2010), por compreender que a rede conceitual pressupõe as relações de subordinação/subsunção e de interseção/sobreposição, acrescentando a estas a relação de equivalência / identidade e a base teórica comum, como mostrados no Quadro 2 abaixo:

Quadro 2 — Relações lógicas elaborado por Polachini (2018), a partir das ideias de Swiggers (2010).

| Relações | Definição |
|---------------------------|--|
| Subordinação | Relação de inclusão entre dois conceitos. Um contém outro. |
| Interseção | Relação na qual há parte comum entre os (conjuntos dos) dois conceitos. |
| Equivalência | Relação em que os conceitos são equivalentes intensionalmente ¹ e têm a mesma extensão. |
| Base teórica comum | Quando há um conjunto maior de que ambos os conceitos fazem parte. |

Fonte: adaptado por Polachini (2018, p. 30).

¹ Termo usado tal qual a tese de Polachini (2018, p. 30). A autora se fundamenta em Swiggers (2010) no tocante as relações lógicas entre termos apresentadas pelo referido autor como relações intensionais (referente ao termo linguístico que possui um sentido inerente, uma taxonomia, uma conceptualização) e extensionais (referente a gama de aplicação do termo ou expressão linguística).

Em consonância com Polachini (2018), procuramos neste trabalho, através da análise dos dados, observar as relações entre o conceito-chave - figuras de linguagem e outros conceitos (podendo aparecer como solecismo, barbarismo, desvio de uso, alteração de uso, sintaxe figurada etc.) que implicam em equivalência, bem como a relação de interseção. Também achamos por bem acrescentar aqui as relações de discordância ou transferência de termos. Na nossa análise, buscamos observar os movimentos de continuidade e descontinuidade com que as gramáticas tratam as FL.

Em síntese, como rede conceitual, tomamos a noção de Polachini (2018) partindo da ideia que há uma conexão em torno de um determinado conceito-chave presente nas gramáticas que refratam uma possível continuidade que pode ser correspondente a **subordinação** – quando um termo incorpora outro; **interseção** – quando existe convergência entre termos; **equivalência** – quando os termos tem uma equivalência semântica; e a **base teórica comum** – quando um termo compartilha de um mesmo princípio teórico. Porém, na nossa pesquisa, faremos uma adaptação do quadro elaborado por Polachini (2018) absorvendo apenas a relação de subordinação, interseção e equivalência e acrescentando a relação de **Contrariedade** como uma das relações intensionais proposta por Swiggers (2010), uma vez que muitas vezes ocorrem descontinuidades no tocante ao tratamento das FL nas gramáticas. Em síntese, nossa análise será baseada no Quadro seguinte:

Quadro 3 – síntese do quadro de relações lógicas entre termos adaptado de Polachini, 2018).

| Relações | Definição |
|----------------------|---|
| Subordinação | Relação de inclusão entre dois conceitos. Um contém outro. |
| Interseção | Relação na qual há parte comum entre os (conjuntos dos) dois conceitos. |
| Equivalência | Relação em que os conceitos são equivalentes intensionalmente e têm a mesma extensão. |
| Contrariedade | Conceitos discordantes entre si. |

Fonte: adaptado pela autora de acordo com as análises dos quadros 1 e 2 dos autores Swiggers (2010) e Polachini (2018).

Esperamos demonstrar que a rede conceitual permite a observação da continuidade ou descontinuidade dos conceitos, possibilitando a compreensão de tais movimentos no tocante ao tratamento dado às FL nas obras analisadas.

3.1 O tratamento das figuras de linguagem e/ou sintaxe figurada nas gramáticas portuguesas.

A primeira gramática europeia conhecida no ocidente é a gramática alexandrina intitulada *Téchné Grammatiké*, de Dionísio Trácio (170-90 a.C.), chegando ao ocidente, somente em 1715, por meio da tradução de Fabricius intitulada *editio princeps* do texto, publicada na *Biblioteca Graeca*, volume VII.

Sabe-se, consoante a Chapanski (2003), que as gramáticas alexandrinas ou as *tekhnai* (plural de *tekhnê*) são fundadas a partir da crítica textual de textos literários. Como nos aponta Chapanski, ao afirmar que

(...) o trabalho dessa gramática é fundamentalmente o de crítica textual e é a partir dele que a disciplina chega a desenvolver alguns mecanismos de abordagem do fenômeno linguístico – através do texto literário e, a princípio, para se aplicar ao estudo desse texto (CHAPANSKI, 2003, p. 3).

Com essa finalidade de análise linguística de literaturas, a obra de Dionísio está dividida em: Leitura e prosódia², *exegese dos tropos poéticos*, restituição de sentido das palavras estranhas e das *estórias*, descoberta da etimologia, cálculo da analogia e crítica dos poemas.

A partir da estrutura da obra, observamos que os primeiros indícios de estudos gramaticais se fundaram na literatura, consagrando e legitimando as escritas de autores literários, como por exemplo, Homero, citado na gramática dionisiana. Tal

² Termo usado na Gramática de Dionísio Trácio (170-90 a.C.), citado por Chapanski (2003).

maneira de abordar e de construir regras da língua, pauta-se na ideia de moldar a linguagem culta pelos cânones literários. Prática que, até nos nossos dias, são observadas nas gramáticas ocidentais do século XXI, sendo concebida como uma das diretrizes que forma um Paradigma Tradicional de Gramatização (PTG), conforme nos aponta Vieira:

O PTG se constituiu a partir de uma ramificação dos estudos linguísticos oriundos da filosofia grega clássica e se tornou o mentor teórico-metodológico e socioideológico do que tradicionalmente vem se entendendo por gramática desde os gramáticos alexandrinos da antiguidade aos gramáticos normativos brasileiros de hoje (VIEIRA, 2018, p. 10).

É na seção *Da exegese dos Tropos poéticos* que encontramos o tratamento das FL na gramática de Dionísio. Tal tratamento corresponde a explicitação do fazer poético e das formas de linguagem utilizada pelos autores clássicos, a exemplo de Homero. Dionísio dedica uma seção para falar dos tropos poéticos, especialmente para abordar os processos de formação de metáforas e alegorias até a transferências de jargões poéticos para a linguagem usual.

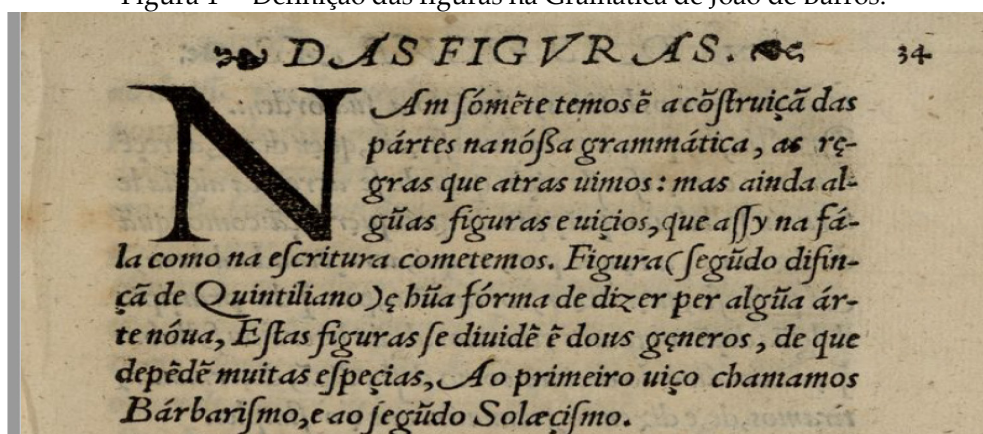
A gramática de Dionísio tornou-se um modelo para a construção de diversas gramáticas produzidas no ocidente, baseado no posicionamento ideológico de que a língua culta advém de poetas e prosadores que adquiriam certo prestígio em sua época. Como nos conta Vieira (2018, p. 41).

As reflexões sobre a linguagem passaram a ser limitadas pelo contexto da literatura clássica grega e da língua e do estilo de poetas e prosadores renomados, considerados os donos da língua correta, do bem falar e escrever. Isso acabou por constituir uma tradição milenar no ocidente (o PTG), responsável por nortear as concepções envolvidas nas reflexões e práticas gramaticais desde então.

No contexto do Brasil, a primeira gramática brasileira foi escrita por Fernão Oliveira, considerada como a obra inaugural da gramatização do português. Entendemos por gramatização “O processo de origem renascentista e filiação doutrinária greco-romana de uma língua por meio da produção de dicionários e gramáticas” (AUROUX, 1992). Isto é, a seleção dos elementos gramaticais seguindo um aparato **descritivo/categorial/conceitual** (VIEIRA, 2018, grifo do autor) de acordo com interesses políticos, ideológicos e socioculturais das línguas. Assim foi construída a obra de Fernão de Oliveira, selecionando os elementos linguísticos de acordo com interesses político-ideológicos da época.

Em sua obra, o autor trata da descrição articulatória e de seu sistema consonantal, vocálico e silábico, alfabeto, lexicologia, teoria da composição de palavras. Por esta estrutura, não se vislumbra na obra de Fernão menção a “tropos poéticos” (DIONISIO, 170-90 *apud* CHAPANKEI, 2003) ou a FL, causando uma ruptura e /ou descontinuidade em relação a gramática de Dionísio. Contudo, na gramática de João de Barros, publicada em 1540, apenas 4 (quatro) anos após, encontra-se uma seção dedicada às “figuras” onde o autor traz as definições destas baseado em Quintiliano. Vejamos:

Figura 1— Definição das figuras na Gramática de João de Barros.



Fonte: retirado da obra Grammatica da língua portuguesa (BARROS, 1540, p. 34).

Não somente temos em a construção das partes na nossa gramática, as regras que dantes trouxemos: mas ainda algumas figuras e vícios, que assim como na fala, na escrita cometemos. Figuras (Segundo definição de Quintiliano) é uma forma de dizer por alguma arte nova. Estas figuras se dividem em dois gêneros, de que dependem muitas espécies: Ao primeiro chamamos Barbarismo e ao segundo Solecismo. (BARROS, 1540 p. 34. Tradução nossa).

Folheando a seção “Das figuras”, encontramos um inventário de figuras de linguagem, dividida em duas seções: as variações do Barbarismo, a saber: *Protese, apheresis, Epenteshis, Sincopa, Paragoge, Apocopa, dieresis, sineresis, sinalepha, elitisis, anthithesis, metatesis*; e as variações do solecismo: *prolepsis, zeugma, hypozenzis, sylepsis, appositio, antiptosis, synedoche, cacofato, pleonasma, periossologia, macrologia, tantalogia, eclipsis, methafora, metonimia, antonomasia, onomatopeia, hipérbole, alegoria, ironia*, entre outras. A lista exaustiva das figuras na gramática de Barros (1540) demonstra uma descontinuidade com a gramática anterior (FERNÃO OLIVEIRA, 1536), pelo menos no tocante a menção às FL, porém mostra uma continuidade com a gramática alexandrina escrita por Dionísio. Esse movimento cíclico de continuidade e descontinuidades acerca do tratamento das FL, também é demonstrado nas gramáticas de: Reis Lobato (1770), Jerônimo Soares Barbosa (1822) e a gramática de Teófilo Braga (1876) que veremos a seguir.

3.2 As gramáticas como gênero relativamente estável

Antes de adentrarmos nas análises das gramáticas que compõem nosso *corpus*, cabe a nós compreendermos como elas são estruturadas entendendo as como um gênero textual.

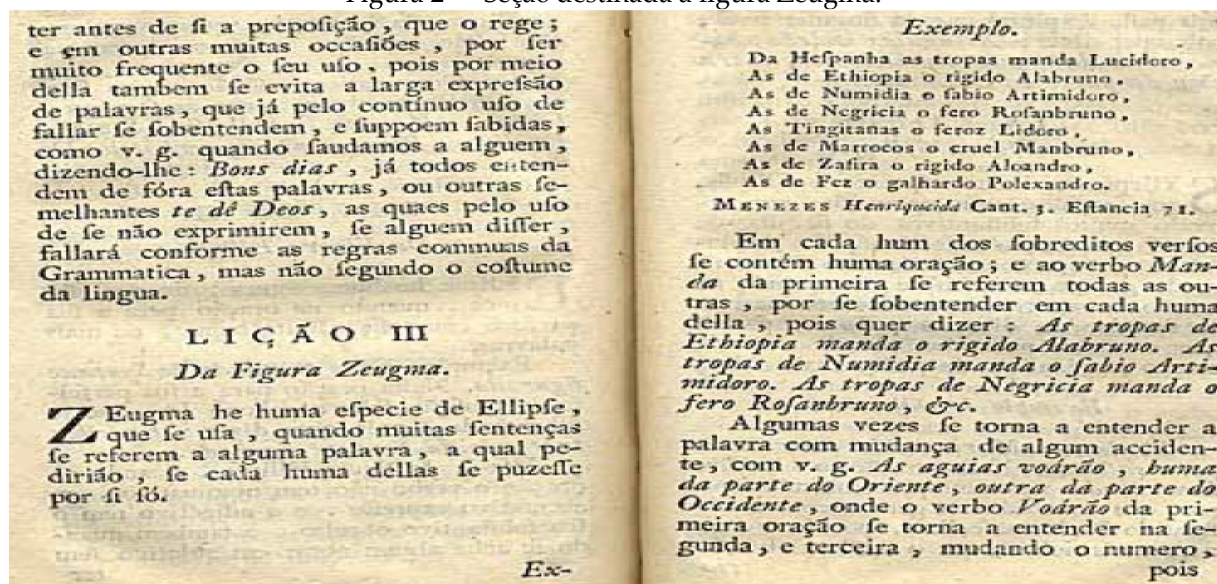
Como nos mostra Auroux (1992), as gramáticas geralmente apresentam-se de forma relativamente estável, possuindo quase um mesmo padrão de estruturação, uma vez que faz parte das características de tal gênero apresentar descrição,

prescrição, exemplos hipotéticos, como também exemplificação de uso, fundamentada de forma mais contundente nos exemplos de autores literários.

Seguindo essa mesma padronização, estão estruturadas as gramáticas de Reis Lobato (1770), Jerônimo Barbosa (1822) e Teófilo Braga (1876). O último se apresenta com algumas variedades por se achar inserido em um momento históricos de rupturas em diversos campos da ciência, na ciência da linguagem, por exemplo, o final século XIX marca a chegada do método histórico-comparativo, e sob este método encontra-se fundada a gramática de Braga (1876).

Na seção destinada à sintaxe figurada, Lobato apresenta O metatermo **Sintaxe figurada**, sua definição, bem como destina uma lição para cada figura de sintaxe específica. Cada lição contém a figura, sua definição e exemplos. Vejamos:

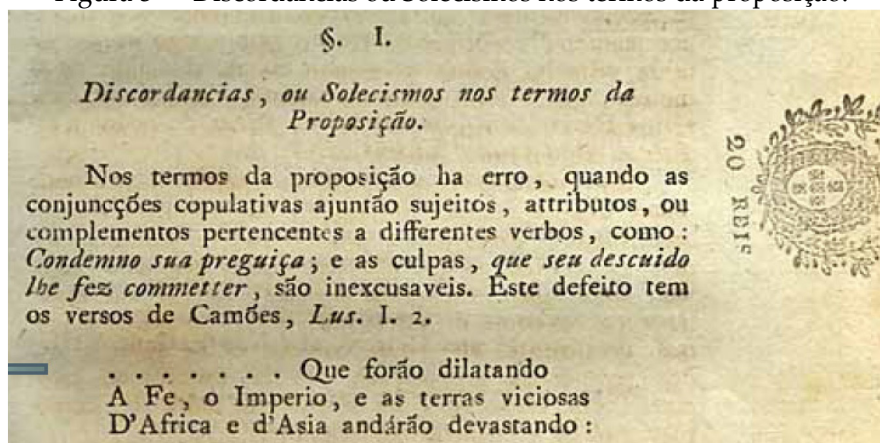
Figura 2 — Seção destinada à figura Zeugma.



Fonte: Reis Lobato (1770), p. 234, 235).

Observamos que Lobato segue a sequência de que fala Auroux (*op. cit.*). Ele traz o metatermo zeugma dentro da categorização da sintaxe figurada, em seguida traz a definição e/ ou conceito e, por último, apresenta um exemplo tomado da literatura.

Figura 3 – Discordâncias ou Solecismos nos termos da proposição.



Fonte: Barbosa (1822, p. 385).

Seguindo esse mesmo padrão estrutural, a gramática de Barbosa (1822) apresenta o título contendo os metatermos **discordâncias** e **solecismos**, funcionando com sinônimos, em seguida ele apresenta uma definição e também traz um exemplo retirado da literatura, como podemos observar na figura 3 acima.

Figura 4 – Sintaxe do verbo.

§. VI — SYNTAXE DO VERBO

a) *Concordancia do Verbo com o Sujeito*

225. O verbo concorda com o seu sujeito em numero e pessoa. O *homem é perfectivel*. Os *homens progridem* por meio da sociedade.

226. Quando o sujeito é um nome colectivo, o verbo fica no singular: *Apanhou um enxame de abelhas*. Uma *nuvem de gafanhotos atacaram* as cearas. N'este caso o verbo pôde pôr-se no plural, concordando com o complemento do sujeito colectivo.

227. Muitas vezes o sujeito singular põe-se no plural para tornar mais modesta a afirmação: *Fui logico* no discurso que *fizemos*. *Aprendemos* com gosto, por: eu aprendo com gosto.

Fonte: Braga (1876, p. 136).

Braga (1786) também obedece aos mesmos padrões estruturais das gramáticas anteriores, trazendo o metatermo, categorizações e exemplo, porém ele evita

apresentar uma definição exaustiva, pelo fato de defender uma forma mais isenta na descrição dos fatos linguísticos, propondo uma gramática com um teor mais descritivo.

3.2.1 O tratamento dado às figuras de linguagem na *Arte da grammatica de Língua Portuguesa*, de Antonio José dos Reis Lobato publicada em 1770.

Antes de analisarmos a Gramática, faz-se necessário discorrer sobre o contexto sociocultural de sua produção para compreendermos o clima de opinião que pairava no período de sua publicação.

O século XVIII foi marcado pelo pensamento iluminista e, mais especificamente, na linguagem, os princípios lógico-filosófico da gramática de Port. Royal permearam as produções gramaticográficas daquele período histórico. Foi nesse cenário que o Brasil, ainda colônia de Portugal, recebe por intermédio da ordem do Marquês de Pombal, a notícia da obrigatoriedade do ensino de língua portuguesa nas escolas.

Como instrumento oficial de ensino do português nas escolas de todo o reino de Portugal, foi adotada a *Arte da grammatica de língua portuguesa* de Antônio José dos Reis Lobato, 1770, pois essa obra atendia aos propósitos das políticas linguísticas do reino sob o comando de Sebastião José de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal, o qual atuava como secretário de estado no reinado de D. João I.

Na folha de rosto da obra, Reis Lobato escreve um oferecimento desta ao “*ILL.mo e ECX. Mo* Senhor Sebastião José de Carvalho e Melo – Conde de OEYRAS”. (LOBATO, 1770). Este oferecimento já deixa entrever a conformidade que essa obra tem com as políticas linguísticas pombalina que desaguaria na sua aprovação como instrumento pedagógico oficial nas escolas.

Apesar das ideias iluministas e lógico-filosóficas, a obra de Reis Lobato (1770) ainda conservava a tradição greco-latina. De acordo com Vieira (2018), o título da gramática ainda refletia a tradição quinhentista e seiscentista, bem como o pensamento

greco-latino, ao considerar gramática como “arte”, no sentido de disciplina instrumental, prática não especulativa, porém com finalidade puramente prescritiva para fins de correção.

A gramática de Reis Lobato está dividida em duas partes: sendo a primeira denominada de Etimologia, contendo seis livros; e sintaxe, formada por quatro livros. Na parte da sintaxe, no livro II, o autor se dedica a sintaxe figurada. Para a conceituação da sintaxe figurada e das classificações da figura, o autor divide o livro II em lições e subcategoriza as figuras em figuras ou figuras de sintaxe e figuras de dicção. Porém antes de se reportar à seção destinada à sintaxe figurada, Reis Lobato traz o conceito de Barbarismo e solecismo, como vícios da oração. Vejamos:

Depois de tratar da regra e composição das partes da oração, me parece também necessário tratar dos dois vícios, que fazem a oração defeituosa, para que os evite, quem quiser falar com toda a propriedade e perfeição. Os vícios da oração são Barbarismo, e solecismo.

Barbarismo é o uso vicioso de alguma palavra na oração. Solecismo é uma viciosa composição das partes da oração. Comete-se quando algumas partes na oração não guardam a devida concordância. Comete-se também, quando na oração falta alguma palavra³. (REIS LOBATO, 1770, p. 230, 231).

O conceito de Barbarismo e Solecismo presente na Gramática de Reis Lobato, configura como um dos primeiros indícios de menção que o autor faz das FL, por tratá-los, como observamos na citação acima, como os dois vícios que fazem a oração defeituosa. Ele ainda alerta o leitor a evitar esses vícios, caso este queira ser proficiente na língua portuguesa. Assim, observa-se o caráter proscritivo do uso do Barbarismo e Solecismo na gramática analisada.

Na página 232, o autor, após discorrer de forma proscritiva sobre o solecismo, contudo afirma que há um tipo de solecismo não vicioso por ser uma **composição**

³ Traduzido para a linguagem atual.

figurada, reduzida às regras da gramática regular. Com essa afirmação, ele introduz os estudos da sintaxe figurada e coloca as figuras como uma variação do solecismo não vicioso.

Aqui já conseguimos vislumbrar uma rede conceitual em relação de interseção, onde o metatermo **solecismo** contém imbricado os termos “**não vicioso**”, os quais se relacionam por equivalência com o termo **composição figurada** e **sintaxe figurada** (FL). Vamos conferir como está estruturado o inventário das FL em Reis Lobato (1770).

Como pode-se observar no Quadro 4, Reis Lobato subdivide as figuras em duas categorias: figuras de sintaxe e figuras de dicção. As figuras de sintaxe, nas palavras do autor, “é, quando na oração faltam, sobram, ou se transpõem palavras” (REIS LOBATO, 1770, p. 233). Com essa conceptualização, antes de citar quais figuras serão abordadas em sua gramática, ele, de forma generalizada, afirma que “os gramáticos assinam várias figuras, conforme alguns, são as seguintes: Elipse, zeugma, silepse, síntese, enallage, pleonasma, hipérbato” (*op. cit.*).

Quadro 4 – Estrutura da parte II - Sintaxe figurada - Gramática de Reis Lobato (1770).

| Lição | Figura ou figura de sintaxe | Subcategorias | Figuras de dicção | Subcategorias |
|-----------|-----------------------------|--|-------------------|---------------|
| Lição I | Elipse | - | Synalefa | - |
| Lição II | Zeugma | - | Aferese | - |
| Lição III | Silepse | - | Syncope | - |
| Lição IV | Síntese | - | Apocope | - |
| Lição V | Enalage | - | Antithese | - |
| Lição VI | Pleonasma | - | Prothese | - |
| Lição VII | Hiperbato | Anástrofe Tmesis Parêntesis Sínquises | | - |

Isto é, as figuras que o autor traz em sua gramática são apenas transcrições de outros gramáticos que ele não cita de forma específica, mas deixa claro para o leitor que são as mais frequentes nas gramáticas anteriores. Assim, o autor segue conservando as classificações já existentes e já defendidas pelos gramáticos anteriores. Isso ratifica a ideia de que, embora Lobato tenha produzido sua gramática no período de ideias iluministas, o teor de seus escritos preserva a tradição greco-latina, não chegando a romper com os ideais linguísticos alexandrinos.

Registra-se, no inventário das figuras que aparecem na gramática de Lobato, sete figuras de sintaxe com quatro variações da figura hipérbato; e nas figuras de dicção são registradas a ocorrência de seis, totalizando 17 (dezesete) figuras, já incluídas todas as variações.

Vejamos abaixo o Quadro 5 que resume a conceituação de cada figura registrada na gramática de Reis Lobato (1770):

Quadro 5. Conceptualização das figuras retirada da gramática de Reis Lobato (1770).

| LIÇÃO | FIGURA DE SINTAXE | |
|-----------|-------------------|--|
| Lição I | Elipse | “Elipse é uma figura, de que usamos, quando na oração para sua perfeita composição falta uma, ou mais palavras.” (p. 233) |
| Lição II | Zeugma | “Zeugma é uma espécie de elipse, que se usa, quando muitas sentenças se referem a alguma palavra, a qual pedirão se cada uma delas se pusesse por si só.” (p. 234). |
| Lição III | Silepse | “Silepse é uma espécie de elipse que se usa, quando na oração, concorrendo muitos substantivos do singular de diversos gênero, o adjetivo posto no plural parece que concorda com o substantivo mais nobre; ou quando na oração, concorrendo muitos nominativos do singular de diversas pessoas, parece que o verbo posto no plural concorda com o nominativo da pessoa mais nobre.” (p. 235). |
| Lição IV | Síntese | “Síntese é uma espécie de elipse, que se usa, quando na oração o adjetivo, que proferimos, mas sim com outro, que |

| | | |
|------------------|--------------------------|--|
| | | se entende oculto. Esta é de duas sortes, de gênero, e de número.” (p. 236). |
| Lição V | Enalage | “Enalage é uma espécie de elipse, que se usa, quando parece que as partes da oração se põem umas por outras e o seus acidentes uns por outros.” (p. 239). |
| Lição VI | Pleonasmo | “Pleonasmo é, quando na oração se acrescenta alguma palavra supérflua.” (p. 240). |
| Lição VII | Hipérbato | “Hipérbato se usa, quando na oração se não guarda a ordem natural das palavras.” Há várias espécies de hipérbato, que são: <i>Anástrofe, tmesis, parêntesis, sínquises.</i> |
| | FIGURAS DE DICÇÃO | |
| Lição I | Synalefa | Synalefa é uma figura, da qual usamos, quando se suprime no fim da dicção a vogal final por se lhe seguir outra dicção, que começa por vogal. (p. 245). |
| Lição II | Aferese | Aferese é, quando no princípio da palavra se tira alguma letra. (p. 247). |
| Lição III | Syncope | Syncope é, quando do meio da palavra se tira uma ou mais letras. (p. 249). |
| Lição IV | Apocope | Apocope é, quando do fim de alguma palavra se tira alguma letra, ou letras. (p. 251). |
| Lição V | Antithese | Antithese é, quando na palavra se põem alguma letra por outra. (p. 252). |
| Lição VI | Prothese | Prothese é, quando no princípio da palavra se acrescenta alguma letra. (p. 253). |

Fonte: elaborada pela autora de acordo com informações extraídas da gramática.

Observando as figuras de sintaxe apresentadas no Quadro 5, vislumbramos uma rede conceitual que advém do metatermo **elipse**, o qual produz relações de subordinação com os conceitos de **zeugma**, **silepse**, **síntese** e **enalage**. Na conceptualização de cada uma dessas figuras, Lobato afirma que elas “são espécies de elipse,” porém, ao observar a estrutura com que o autor as expõe, não identificamos como uma relação de dependência, pois o autor dedica uma lição para conceituar cada uma delas. Contudo, ao analisarmos os conceitos, constatamos que elas deveriam

aparecer na mesma lição como subcategorias do conceito-chave **elipse**, assim como é feito quando ele se refere ao metatermo **hipérbato** e os termos **Anástrofe**, **tmesis**, **parêntesis**, **sínquises**, subordinados em uma mesma lição.

Ao observar o inventário das figuras acima, observamos que, embora a seção seja denominada de “sintaxe figurada”, o autor transpõe as explanações sobre casos correspondentes ao nível fonético e/ou de pronúnciação, denominando de figuras de dicção. Portanto, pode-se dizer que Lobato trabalha com as figuras no limite dos níveis sintático e fonético, não considerando esses fenômenos como pertencentes a um nível pragmático.

3.2.2 Exemplo de duas gramáticas oitocentistas: A Grammatica Philosophica de Língua Portuguesa de Jeronimo Soares Barbosa, 1822, e a grammatica portuguesa elementar fundada sob o methodo histórico-comparativo de Teófilo Braga, 1876.

Vieira (2018) aponta que a gramática de Soares Barbosa foi uma das gramáticas filosóficas (nos termos do ideário de Port Royal) mais conhecida, bem como foi um marco para o norteamento do processo de gramatização do português até a virada científica que teria seu estopim no final do século XIX.

A gramática de Barbosa foi uma obra póstuma, escrita duas décadas antes (KEMMLER, *et al.* 2009 *apud* VIEIRA, 2018), possuindo 7 edições, 1822 a 1881, como consta nos estudos de Coelho em sua tese de doutoramento publicada em 2013.

A gramática de J. S. Barbosa divide-se em 4 partes: Ortoépia, Ortografia, Etimologia e Sintaxe. Na parte da Ortoépia, o autor trata os fenômenos apresentados como “alteração que os vocábulos sofrem na pronúnciação”. Aqui podemos inferir que o termo **alteração** está ligado por equivalência, à noção de **figuras de dicção** pela semelhança de definições comparadas à gramática de Lobato.

Na sintaxe, mais especificamente no artigo II dedicado *a sintaxe de concordância irregular, reduzida a regular pela silepse*, registramos o conceito de silepse e de suas

subcategorias. Vejamos no Quadro 6 como Barbosa estrutura o inventário do que chamamos na contemporaneidade de figuras de linguagem.

Quadro 6 – Estruturação do inventário das figuras de linguagem apresentada na gramática de Barbosa (1822).

| Capítulos e subtítulos da Ortoepia | Parte: Ortoepia | Capítulos e subtítulos da Sintaxe | Parte: Sintaxe | Subcategorias |
|--|--------------------------|--|----------------|---|
| CAPITULO V Dos vocábulos da língua portuguesa e das alterações, que sofrem na pronúncia. P. 21 | Prótese ou aposição | Página 378 ARTIGO II Sintaxe de concordância irregular, reduzida a regular pela silepse. | Silepse: | Silepse de gênero Silepse de número Silepse de pessoa |
| CAPITULO V Dos vocábulos da língua portuguesa e das alterações, que sofrem na pronúncia. P. 21 | Aferese ou abstração. | III Das discordâncias, ou solecismos na união das proposições totais entre si. | Anacoluto: | - |
| CAPITULO V Dos vocábulos da língua portuguesa e das alterações, que sofrem na pronúncia. P. 21 | Transposição ou metátese | - | - | - |
| - | - | ARTIGO II. Sintaxe de regência irregular, reduzida a regular pela elipse. | Elipses | Elipses que tem por fundamento a razão. Das elipses que tem por fundamento o Uso, e solecismo do abuso |

| | | | | |
|---|---|---|-----------|---|
| - | - | CAPÍTULO V Da construção invertida da oração portuguesa | Hipérbato | - |
| - | - | Capítulo v Da construção invertida da oração portuguesa | Anástrofe | - |

Fonte: elaborada pela autora de acordo com informações extraídas da gramática.

A estrutura apresentada por Barbosa não comporta menções explícitas às figuras de linguagem e/ou sintaxe figuradas, figuras de dicção ou tropos. O autor traz em sua obra fenômenos que ele considera como “alterações de pronúncia”, no caso da seção correspondente a ortoépia, destacando os fenômenos de **prothese**, **afereze** e **metátese**. Na seção destinada a sintaxe, o autor se reporta aos fenômenos de **elipse** e **silepse** como sintaxe de concordância irregular, reduzida a regular pelos fenômenos mencionados. **Hipérbato** e **anástrofe** aparecem como fenômenos que ocorrem na oração invertida.

Diferentemente de Lobato, o autor dedica uma seção onde ele explica os desvios de pronúncia como tarefa da ortoépia. E na sintaxe, como descrito acima, os fenômenos desviantes ou irregulares são incorporados na mesma parte destinada à sintaxe por fazerem parte de desvios e / ou irregularidades no tocante à construção oracional.

Abaixo, apresentaremos o Quadro 7 com as conceptualizações que o autor traz dos fenômenos que nos reportamos no Quadro 6.

Quadro 7 – Conceptualização das figuras de linguagem apresentada na **gramática** de Barbosa (1822).

| Da parte da Ortoepia | Capítulo V da Ortoepia – alterações que os vocábulos sofrem na pronúncia | Conceituação |
|--|--|---|
| Dos vocábulos da língua portuguesa e das alterações, que sofrem na pronúncia. | Por acréscimo | O acréscimo no início do vocábulo chama-se de prótese ou aposição |
| Dos vocábulos da língua portuguesa e das alterações, que sofrem na pronúncia. | Por diminuição | A retirada de uma sílaba no início do vocábulo chama-se aferese ou abstração. |
| Dos vocábulos da língua portuguesa e das alterações, que sofrem na pronúncia. | Transposição ou metátese | Quando as letras ou sílabas, de que se compõe a palavra, se põem em uma ordem diferente daquela em que se acham no vocábulo primitivo, donde o mesmo se derivou. Esta transposição pode ser, ou total da palavra inteira pela inversão de todos seus caracteres radicais: Como Frol de flor, Clergo de clérigo: ou parcial só de alguma sílaba, ou da letra: Como contrário de contrário, Bolra de Borla. |
| | Da parte da sintaxe | |
| ARTIGO II Sintaxe de concordância irregular, reduzida a regular pela silepse. | Definição de silepse: | “Procede isto de que a concordância não se faz então de palavra por palavra, mas da palavra com uma ideia. O entendimento obrigado da necessidade, e autorizado pelo uso, sem se ligar a terminação da palavra, liga-lhe outra ideia de diferente gênero, com a qual a concorda; vindo assim a fazer uma discordância material e aparente para fazer uma concordância real, porém só |

| | | |
|--|---------------------------|--|
| | | mental. A isto deram os gramáticos o nome de silepse ou síntese que querem dizer concebimento, ou combinação.” P. 378 |
| ARTIGO II Sintaxe de concordância irregular, reduzida a regular pela silepse. | Silepse de gênero | concorda o adjetivo com um dos substantivos com que mais relações pode ter ou de número, ou de proximidade, ou de preeminência no gênero; visto não o poder concordar com todos senão mentalmente, aplicando a cada um à sua significação. apelativos Rei, e príncipe, que temos em mente. (p. 381) |
| ARTIGO II Sintaxe de concordância irregular, reduzida a regular pela silepse. | Silepse de número - | Há silepse dos números quando a nomes do singular se ajuntam adjetivos ou verbos no plural, ou pelo contrário quando a nomes do plural se ajuntam verbos no singular. Sucede isso principalmente com os nomes coletivos. (p. 382) |
| ARTIGO II Sintaxe de concordância irregular, reduzida a regular pela silepse. | Silepse de pessoa - | Quando na oração concorrem muitos sujeitos de diferentes pessoas do singular com um verbo só, este põe-se sempre no plural concordando com todos em números; e em pessoa com o mais nobre, qual é o da primeira pessoa a respeito da segunda, e o da segunda a respeito da terceira, como: ‘Eu, e tu andamos de saúde’, Ele, e tu estais sentados. |
| ARTIGO III Das discordâncias ou solecismos. | Definição de solecismo | “Segundo Quintiliano (1,5) há solecismo em qualquer oração de um sentido total, quando nela se põe adiante alguma palavra, que não condiz, nem concorda com as antecedentes. Todo solecismo, pois é um erro de sintaxe ou de concordância, ou de regência; mas daquela especialmente. Estes erros podem-se |

| | | |
|---|----------------------------|--|
| | | cometer ou nos termos mesmos da proposição quer simples, quer composta, ou na união das proposições parciais com seus totais, ou na união dos totais entre si. |
| III Das discordâncias, ou solecismos na união das proposições totais entre si. | Definição de Anacoluto: | Todas as vezes que há inconseqüência entre proposição principal e suas subordinadas, ou por não haver correspondência entre as conjunções periódicas para as fazer jogar umas com outras; ou por esta correspondência se achar perturbada com outras orações mal colocadas que se lhe metem por meio. Os gramáticos chamam Anacoluto a esta espécie de solecismo. |
| ARTIGO II. Sintaxe de regência irregular, reduzida a regular pela elipse. | Definição de elipse | Todas às vezes, pois, que falta qualquer destas partes da oração, há uma elipse, ou falta, a qual é uma figura, pela qual se cala alguma palavra, ou palavras necessárias para a integridade gramatical da frase, mas não para a sua inteligência. Digo: não necessária para sua inteligência: porque toda elipse que não é viciosa, anda sempre junta com os suplementos, que ou a razão, ou o Uso subministram ao espirito de quem ouve, ou lê para completar o sentido; e daqui duas sortes de elipse, umas que tem por fundamento a razão, e outras o Uso. |
| CAPITULO V Da construção invertida da oração portuguesa | Definição de Hipérbato: | O hipérbato quer dizer transposição, a qual se faz, ainda sem haver inversão, quando entre as palavras ou concordadas, ou regidas, postas mesmo em sua ordem direta, se mete alguma coisa por meio, de sorte que as duas ideias correlativas não ficam juntas na oração, mas separadas uma da outra |

| | | |
|--|--|---|
| | | por algum espaço pequeno, ou de grande. |
|--|--|---|

Fonte: elaborada pela autora de acordo com as informações fornecidas na gramática.

Barbosa (1822) não menciona o nome figuras ou sintaxe figurada, ele traz a terminologia “alteração” na parte da ortoépia para falar sobre os fenômenos de **prothese**, **afereze** e **metátese**, embora não relacione esses fenômenos com as figuras, ao observar os conceitos, inferimos que se trata de uma continuidade com a Gramática de Lobato ao tratar de figuras de Dicção. A descontinuidade demonstrada aqui consiste apenas no nível linguístico com que os autores tratam desses elementos. Lobato traz na seção que corresponde à sintaxe figurada e dedica uma parte para figuras de dicção, isto é, correspondendo ao nível fonético, porém deslocado para a seção especial às figuras. Já Barbosa explicita esses elementos como pertencentes ao nível da ortoépia (pronúncia), portanto ele já os organiza nessa seção, porém não explicita que sejam figuras.

A menção às figuras que consideramos mais evidente na gramática de Babosa, encontra-se no artigo III quando ele traz a conceptualização de solecismo e atrela a esse conceito figuras como: anacoluto, elipse e hipérbato. Temos aqui uma rede conceitual de equivalência do metatermo **solecismo** com o termo FL, bem como uma relação de subordinação dos termos **anacoluto**, **hipérbato** e **elipse** ao metatermo **solecismo**.

A grande rede conceitual para se chegar a uma compreensão e/ ou inferir que o autor Barbosa explicita as FL, mesmo sem considerar esse metatermo, encontra-se no valor semântico das palavras: **alteração**, **irregular**, **desvio**, **erros**, **solecismo**, **discordância**. Todos esses termos têm uma relação de equivalência com as FL, uma vez que possuem traços contínuos com as conceptualizações apresentadas nas gramáticas anteriores quando se referiam as figuras. Barbosa não menciona em momento nenhum de sua obra o metatermo **figura**, porém, conserva os conceitos que

outras gramáticas traziam acerca desse fenômeno linguístico, utilizando outros termos equivalentes, como mencionados acima.

Observa-se aqui, os primeiros indícios de absorção da **elipse** como uma forma de explicitar a concordância em termos semânticos (ideia, razão, concordância mental- termos usados por Barbosa, ao se referir a elipse). O autor comenta que a elipse pode ser usada para manter a integridade da sentença. Vejamos na citação seguinte:

Todas as vezes, pois, que falta qualquer destas partes da oração, há uma elipse, ou falta, a qual é uma figura, pela qual se cala alguma palavra, ou palavras necessárias para a integridade gramatical da frase, mas não para a sua inteligência. Digo: não necessária para sua inteligência: porque toda elipse que não é viciosa, anda sempre junta com os suplementos, que ou a razão, ou o uso subministram ao espírito de quem ouve, ou lê para completar o sentido; e daqui duas sortes de elipse, umas que tem por fundamento a razão, e outras o uso. (BARBOSA, 1822, p. 404)

Ele afirma que a elipse mantém “a integridade gramatical da frase, mas não sua inteligência” no sentido de que existem elipses não viciosas que fazem parte do processo de concordância da sentença, ligando o nível sintático (material) com um nível semântico (razão, ideia). Com isso ele nos apresenta dois tipos possíveis de elipses: as que decorrem da concordância com a ideia (razão) e as decorrentes do uso linguístico – tocando de forma ainda germinal, no nível pragmático.

Com isso, percebemos que alguns fenômenos que eram considerados erros de construções por não estarem em pé de conformidade com a estrutura material, aqui ganha ainda que de forma sutil, um *status* de aceitação. Barbosa por ser um gramático de cunho racionalista, admite que existem possibilidades de desenvolver explicitações gramaticais fundamentadas na razão e coloca a elipse como um exemplo disso.

3.2.3 A gramática portuguesa elementar fundada sob o methodo histórico-comparativo de Teófilo Braga, 1876.

O final do século XIX foi marcado por diversas mudanças e avanços tanto no âmbito tecnológico, econômico como intelectual. As ideias liberalistas ganhavam terreno e permeavam todas as produções científicas e também o pensamento político da época. No tocante ao pensamento linguístico, o final do século XIX é o marco de rompimento com as ideias logicistas, dando abertura ao método histórico-comparativo apresentado pelos autores Frederico Diez, Franz Bopp e Max Müller.

De acordo com Fávero e Molina (2007), o método científico chega primeiramente a Portugal, por Adolfo Coelho e, em seguida, ao Brasil, por Júlio Ribeiro e por muitos outros estudiosos, entre eles o professor universitário Teófilo Braga que, ao lado de Adolfo Coelho (1847-1919), são considerados figuras representativas no tocante ao desenvolvimento etnográfico e antropológico em Portugal, durante o século XIX.

A gramática de Teófilo Braga (1876) já demonstra no título a ruptura com a gramaticografia anterior, por aplicar em sua obra o método histórico-comparativo, que à época, estava em ascensão e configurava como novidade para as teorias linguísticas.

Na seção intitulada **advertência**, Braga (1876) traz um discurso que configura o seu desejo de romper com o paradigma anterior. Ele traz um panorama crítico das gramáticas brasileiras, desde a primeira gramática do sec. XV de Fernão Oliveira até a gramática de Jerônimo Barbosa publicada em 1822.

O autor faz críticas a todas as gramáticas anteriores, trazendo à tona o “pecado de todas elas” por não descrever, segundo ele, racionalmente os fatos linguísticos, e usando uma retórica de promoção, elege a sua obra como uma “obra de renovação” (Braga, 1876 p. VIII).

A gramática de Teófilo Braga rompe com as tradicionais divisões da gramática em Etimologia, Sintaxe, Prosódia e Ortografia, e adota as terminologias: **fonologia**,

para os estudos dos sons; **morfologia**, destinada aos estudos da formação das palavras e a **sintaxe**, responsável pelos estudos das construções. O autor não traz em sua gramática os estudos da sintaxe figurada, pois ele acredita que é de inteira responsabilidade da retórica e das teorias do estilo.

(...) da velha *Syntaxe*, expunge-se a parte figurada, por que pertence exclusivamente a *rhetorica* ou *theoria* do *estyl*o; as regras da *orthographia* não se podem estabelecer em uma *grammatica* nem por um indivíduo, *postoque* haja bastante de arbitrário na *transcripção graphica* da palavra: A *aplicação d'estes* novos processos linguísticos ao *francez* por Mr. Brachet, na sua *Nouvelle Grammaire française*, tornou-nos bastante fácil a organização deste nosso trabalho, que por ventura não quebraria com tanta facilidade os velhos moldes escolares. Deveríamos preceder esta *grammatica* com um esboço da História da Língua *portuguesa*, destinado propriamente para os *snrs.* professores; porém, esse trabalho está feito e pode consultar-se no Manual da História- da *Litteratura portugueza*. (TÉOFILO BRAGA, 1876 excerto retirado da parte intitulada advertência pág. IX)⁴

Os séculos XVII e XIX marcaram os estudos tropológicos de Fontanier e Durmasais seguindo os princípios lógico-filosóficos influenciados pelo modelo teórico da gramática de Port. Royal. Nesses períodos algumas gramáticas absorveram os estudos das figuras como formas de explicar o “erro linguístico” ou os “desvios” do uso correto das regras da língua prescritas pelas gramáticas, como vimos nas gramáticas de Reis Lobato (1770) e Jerônimo Barbosa (1822).

A Questão da ausência da menção à sintaxe figurada na gramática de Teófilo Braga (1876), explica-se pelo fato de que no século XIX, imbuído de ideais positivistas e cientificistas, a linguística e os estudos gramaticais não abriam lugar para fatos linguísticos de cunho pragmático subjetivista, como eram estudadas as figuras na estilística da língua.

⁴ Nesta citação, os termos em itálico estão conforme o original.

Foi a partir do século XX que, segundo Fiorin (2014), a retórica reassumiu seu papel nos estudos linguísticos, haja vista que dantes ela não era admitida pelo positivismo científico e a estética romântica, paradigmas que estavam em ascensão no século XIX. Assim, com a decadência do positivismo científico e o advento do surrealismo e dadaísmo, a objetividade e a racionalidade perdem espaço para os estudos subjetivos da linguagem (o estudo do inconsciente do sujeito enunciador) e a retórica passa a se reaproximar da Linguística.

Na gramática de Braga (1786) destacamos a **relação de contrariedade** com as outras gramáticas analisadas acima. Aqui o autor deixa explícito que não é papel da gramática os estudos acerca das FL, deixando isso a cargo de teorias do estilo, as quais estavam emergindo no final do século XIX.

Todavia, ao examinarmos a seção da sintaxe da gramática do autor supracitado, encontramos uma ocorrência do que vinha sendo denominado por silepse de número nas gramáticas precedentes. Vejamos:

Figura 5 – Sintaxe do verbo.

§. VI – SYNTAXE DO VERBO

a) *Concordancia do Verbo com o Sujeito*

225. O verbo concorda com o seu sujeito em numero e pessoa. O *homem é perfectivel*. Os *homens progridem* por meio da sociedade.

226. Quando o sujeito é um nome colectivo, o verbo fica no singular: *Apanhou um enxame de abelhas*. Uma *nuvem* de gafanhotos *atacaram* as cearas. N'este caso o verbo póde pôr-se no plural, concordando com o complemento do sujeito colectivo.

227. Muitas vezes o sujeito singular põe-se no plural para tornar mais modesta a affirmação: *Fui logico* no discurso que *fizemos*. *Aprendemos* com gosto, por: eu aprendo com gosto.

Fonte: Braga (1876 p. 136).

Apesar de “expurgar” a sintaxe figurada da sua gramática, observa-se no exemplo acima que Braga traz a silepse de gênero como uma forma regular da sintaxe do verbo, ou seja, ele não considera a silepse como uma figura de linguagem, mas como um dos processos de concordância aceitável no nível discursivo-pragmático, para dar uma sensação, como ele mesmo diz acima, “de mais modesta na afirmação”.

Com esse exemplo, podemos inferir que a gramática de Braga, absorveu alguns fenômenos que dantes (nas gramáticas precedentes) eram considerados como figuras, mas foram incorporadas como explicitações possíveis e regulares da concordância entre o nível sintático (construção da oração – *fui lógico no discurso que fiz*) e pragmático (*fui lógico no discurso que fizemos* – concordando de forma implícita com o sujeito interlocutor) da oração.

4 Resultados

No tocante à rede conceitual observada nas três gramáticas correspondente ao metatermo **figuras de linguagem**, foram observadas ocorrências de termos equivalentes como: **sintaxe figurada, Solecismo, barbarismo, alterações, desvios, erros, discordâncias**. Todos esses termos ligados a uma mesma rede conceitual que nos leva à conceituação do que se conhece na atualidade como FL.

A gramática de Reis Lobato apresenta de forma mais específica e explícita o metatermo que nos propusemos analisar, ao cabo que, nas gramáticas oitocentistas, a noção de FL de forma mais explícita vai perdendo o espaço e sendo por vezes incorporados como exemplos proscritivos, isto é, erros que não devem ser cometidos pelos falantes proficientes da língua portuguesa. Como também, algumas figuras, a exemplo de elipse e silepse que ganham um *status* de fenômenos permissivos, “não viciosos” para a concordância de algumas construções oracionais, como observados

em Lobato de forma ainda sutil, porém em Barbosa ele já consolida essa ideia e traz a elipse como explicitação da concordância por motivo da razão e pelo uso.

Em Braga, também constatamos a absorção da figura silepse como um fenômeno sintático, já demonstrando, ainda que de forma incipiente, um teor pragmático-discursivo.

Portanto observa-se uma certa regularidade nas gramáticas de acordo com o nível em que elas abordam as FL. Como mencionados anteriormente, as gramáticas de Barbosa (1822) e Braga (1876) não mencionam o metatermo FL, nem tampouco o termo “sintaxe figurada”, porém eles as incorporam nas suas gramáticas ou usando termos equivalentes, ou trazendo como uma das implicações possíveis no tocante a certos usos da oração, trazendo estruturalmente no nível sintático, mas deixando entrever um teor pragmático, como vimos no último exemplo extraído da gramática de Braga (1876).

5 Considerações finais

A presente pesquisa revelou as inconsistências e convergências dos autores das gramáticas analisadas no tocante ao tratamento dado às FL. A categoria rede conceitual possibilitou a percepção de continuidades e discontinuidades a partir das relações de equivalência, interseção e contrariedade entre os metatermos analisados.

Observamos que os movimentos de continuidade e rupturas no tocante ao tratamento dado às FL nas gramáticas devem-se muito aos ideais e pensamentos linguísticos que circundam determinados períodos históricos. Vemos esse movimento cíclico, desde os primeiros tratamentos aristotélicos dados às figuras como elementos argumentativos do discurso, bem como na gramática de Dionísio Trácio na qual as figuras são tratadas como Tropos poéticos, considerando-as como elementos embelezadores do discurso literário, ao passo que, nas gramáticas do século XVIII as figuras são abordadas como “desvios” ou “erros” de pronúncia ou construção, ou

muitas vezes, são incorporadas como exemplos de possíveis formas de concordância no nível sintático-pragmático a partir de usos de elipses, silepses, como foi visto em Barbosa (1822) e Braga (1876) e em algumas gramáticas do século XXI.

Ainda há muitas lacunas a serem preenchidas, o que demonstramos aqui foi só uma visão parcial dentre várias outras possibilidades de se vislumbrar fatos concernentes ao tratamento dado às figuras ao longo do tempo. Não pudemos fazer grandes generalizações, até porque não era o foco desta pesquisa e nem deste gênero trazer dados quantitativos numerosos e exaustivos, porém é válido salientar que nossa pesquisa deixa indícios de fatos concernentes à gramatização ou à incorporação da silepse e da elipse nas gramáticas do século XVIII e XIX como elementos sintático-pragmático. Deixemos essa lacuna para ser preenchida em pesquisas posteriores.

Referências bibliográficas

AUROUX, S. **A revolução tecnológica da gramatização**. Campinas, SP: Unicamp, 1992.

BARBOSA, J. S. **Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza**. Lisboa: Typographia da Academia das Sciencias, 1822.

BARROS, J. **Grammatica da lingua portuguesa**, 1540. (Digitalizada em PDF)

BRAGA, T. **Grammatica portuguesa elementar: fundada sobre o methodo historico-comparativo**, 1786. (Digitalizada em PDF)

BATISTA, R. de O. de; SILVA, É. A. C. da. Halliday e sua retórica: posicionamentos teóricos na linguística moderna. **Confluência**, revista do Instituto de Língua Portuguesa, Rio de Janeiro, nº 56, 1º semestre de 2019. DOI <https://doi.org/10.18364/rc.v1i56.297>

BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

NUNES, D. dos S. **Efeitos de sentido de figuras de linguagem no gênero anúncio publicitário: uma abordagem dialógica**. 81 f. Dissertação (mestrado em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/7718>

DIONÍSIO. *Tékhne Grammatikē. Séc. I a.C. In: CHAPANSKI, G. Uma tradução da Tékhne Grammatike, de Dionísio Trácio, para o português*. 2003. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003. Disponível em: <http://www.classicas.ufpr.br/projetos/dissertacoes/GisseleChapanskiTekhneGrammatike.pdf>.

FÁVERO, L. L.; MOLINA, M. A. G. História das ideias linguísticas: origem, método e limitações. *Revista da ANPOLL*, n. 16, p. 143-146, jan.-jun. 2004. DOI <https://doi.org/10.18309/anp.v1i16.553>

FIORIN, J. L. **Figuras de Retórica**. São Paulo, Contexto, 2014.

GURGEL, S. A representatividade como critério de seleção de fontes: um problema epistemológico. *Estudos Linguísticos XXXVI* (2), maio-agosto, p. 266-273, 2007.

KOERNER, E. F. K. O problema da metalinguagem na historiografia linguística. *In: Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados*. Coleção Linguística 11. Estúdio de Artes Gráficas – Braga. Agosto de 2014. p. 75 à 90.

KOERNER, E. F. K. **História da linguística**. N. o 46 – 1.º semestre de 2014 – Rio de Janeiro Disponível em: <http://lp.bibliopolis.info/confluencia/rc/index.php/rc/article/view/4/6>. Acesso em: 30 jan. 2020. DOI <https://doi.org/10.18364/rc.v1i46.4>

LOBATO, A. J. dos Reis. **A arte da grammatica da língua portuguesa, 1770**. (Digitalizada em PDF)

POLACHINI, B. **Uma história serial e conceitual da gramática brasileira oitocentista de língua portuguesa**. - São Paulo, 2018.458 f. Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Linguística. Área de concentração: Semiótica e Linguística Geral.

SWIGGERS, P. 2004. Modelos, métodos y problemas en la historiografía de la lingüística. Nuevas aportaciones a la historiografía lingüística. CORRALES

ZUMBADO, C., *et al.* **Actas del IV Congreso Internacional de la SEHL**, La Laguna (Tenerife), 22 al 25 de octubre de 2005, vol. I. Madrid: Arco Libros. p. 113-146

VIEIRA, F. E. **A gramática tradicional: história crítica**. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2018.

Artigo recebido em: 02.06.2021

Artigo aprovado em: 08.08.2021